

8 Considerações Finais

Esta tese é o resultado de um esforço de compreender o mundo da vida dos cuidadores de idosos assistidos pelo Setor de Geriatria do HUCFF/UFRJ, e seus modos de caminhar a vida.

Com esta intenção o percurso feito enveredou pelo caminho da busca do entendimento das motivações desses homens e dessas mulheres para o cuidado dos seus familiares. A procura principal foi compreender como se dá o cuidado oferecido por eles, em que circunstâncias ele se dá e que significado esses cuidadores dão ao cuidado que ofertam. Além de encontrar se há solidariedade por parte da família nesta execução, e quais as atitudes tomadas diante dos encargos excessivos, visto que com o cuidado são acumuladas as tarefas cotidianas das coisas da casa. Na sequência da busca também descobrir de que modo o poder público protege esses cuidadores, e se protege.

Historicamente a família é reconhecida como responsável por cuidar de seus membros, sejam eles os filhos, os que adoecem ou os idosos. E que a mulher definitivamente assumiu esse cuidado. Por isso, conhecer o idoso com comprometimento cognitivo seja por Doença de Alzheimer ou outra demência; a demanda de cuidados produzida por estas doenças e a sobrecarga advinda do cuidador dão a idéia da grandeza dos problemas enfrentados por ele no cotidiano, aperfeiçoando informações para a idealização da integralidade de ações em saúde, que se pautem do mesmo modo à busca de soluções que visem tornar mínimas as consequências sobre os cuidadores.

No âmbito das motivações para que apenas uma pessoa da família assuma o papel de cuidar de alguém que requeira cuidados, as análises de Mendes ⁵⁴⁵ (1995) esclarecem que, ainda que esta seja uma situação que afete o conjunto de componentes de uma família, apenas um se responsabiliza em sustentar a assistência segundo a necessidade. E sugere que “tornar-se cuidador pode ser mais

⁵⁴⁵Mendes, P. B. M. T. Cuidador: heróis anônimos do cotidiano. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós- Graduação em Serviço Social. PUC/SP. 1995, p. 45.

ou menos consciente e embora a designação do cuidador seja formal e decorrente de uma dinâmica, o processo parece obedecer a certas regras”, dentro do núcleo familiar, e essa escolha ou designação são decisões não sobre como agir, mas quem vai agir, porque o como é uma incógnita para o conjunto dos elementos da família.

Percebemos tanto nas entrevistas quanto nas sessões de grupos desenvolvidos na pesquisa que são significativamente as mulheres que cuidam daí ser apropriado se afirmar que “*cuidar é um verbo que se conjuga no feminino*” e, mais que são mulheres idosas que ofertam cuidados aos maridos idosos e às mães também idosas. O que merece atenção, visto que essas condições dificultam substantivamente o processo de cuidar, por isso, essa é uma dimensão que se constitui plena de questionamentos. Essa é uma preocupação que está na base de todo o processo, visto que cuidar significa antes de qualquer coisa, um conjunto de ações. Ele só existe quando se dedica ao outro, participando de suas buscas, sucessos, sofrimentos, enfim de sua vida. O cuidador sai de si e centra-se no outro.

Pelas narrativas, consideramos que o que se oferta é cuidado, na medida em que se revela como atitude de responsabilidade, que muitas vezes ultrapassa o suportável, e, que ao mesmo tempo se reveste de dedicação, cuja centralidade está no outro que necessita do cuidado.

Para aumentar a dificuldade, Silveira⁵⁴⁶ (2000) aponta que “cuidar de um idoso dependente é um dos eventos mais estressantes e perturbadores do ciclo de vida familiar. Alguns familiares se distanciam para evitar confrontos, compromissos desagradáveis e a redefinição dos papéis estabelecidos”, mas às mulheres cabe perseverar, ainda que sintam do mesmo modo o desejo de se afastar, não pelas mesmas motivações, mas pelo desgaste do cotidiano de cuidar sem esperança de mudanças.

Na mesma direção, Mendes⁵⁴⁷ (2005) relata sobre a diversidade de sentimentos que afloram no cuidador, entre eles: amor, impotência, pena, alívio, culpa, vergonha e, muitas vezes, revolta pela dependência de si e dos outros.

⁵⁴⁶Silveira, T. M. O sistema familiar e os cuidados com pacientes idosos portadores de distúrbios cognitivos. In: Textos sobre envelhecimento. v. 3. n. 4. Julho. RJ. 2000, s/p.

⁵⁴⁷Mendes, P. B. M. T. Quem é o cuidador? In: DIAS, E. L. F.; Wanderley, J. S.; Mendes, R. T. (Org.). Orientações para cuidadores informais na assistência domiciliar. 2. Edição. Editora UNICAMP/Campinas. 2005, p. 19-33.

Algumas questões orientaram o processo de investigação, entre elas a busca de compreender a motivação para o cuidado, mas o que se encontrou é que, em suas narrativas, os cuidadores, em sua maioria mostraram que não tiveram a oportunidade de escolher ser ou não ser, tornar-se cuidador foi uma exigência da necessidade do outro, que segundo eles é merecedores desse cuidado, apesar do desgaste da oferta. Mas, que esse processo parece obedecer a certos preceitos, como ser do sexo feminino, pertencer à família, estar próximo, entre outros.

Os achados deste estudo colocam uma questão em relação ao suporte que os cuidadores recebem de seus familiares. Observamos que o que predomina é realmente a solidão do cuidador, visto que poucos revelaram contar com ajuda de familiares. Nas situações onde os idosos são os maridos, e que o casal teve filhos, algumas narrativas revelaram a participação das filhas no apoio às mães cuidadoras, mas os filhos surgem muito pouco. Esse é um tema que tem provocado muitos debates, e, como já revelado, constitui-se de motivação para preocupação e intervenção nas situações que se assemelham. Acrescentamos a essa situação a absoluta falta de apoio financeiro desses mesmos familiares. Por isso, Caldas⁵⁴⁸ (2002) assinala que: “com toda a dificuldade e mesmo sem apoio, conseguem cuidar, fazendo adaptações que geram grandes custos materiais e comprometem sua saúde física e mental”.

A pesquisa mostrou que todos os cuidadores referem-se à necessidade de cuidar do seu familiar de forma integral, ou seja, eles devem estar presentes constantemente e se disponibilizar para ajudá-los em quase todas as tarefas cotidianas, quando não em todas as tarefas, mas ao longo do dia e da noite, com certeza. O que faz com que ocorra uma sobrecarga, visto que tanto os homens quanto as mulheres também acumulam as tarefas com as coisas da casa.

Nas narrativas sobre a importância que é dada pelos cuidadores aos cuidados que dispensam aos seus familiares o que aparece muito presente é o cotidiano vivido por eles diante da necessidade de cuidado dos seus familiares, mas mesmo assim, na avaliação dos cuidadores seus familiares não teriam as mesmas condições de vida e saúde sem os seus cuidados. E, mais, alguém pode dizer que falar sobre alguma coisa é diferente de vivê-la, mas essas narrativas,

⁵⁴⁸Caldas, C. P. O idoso em processo de demência: o impacto na família. *In: Antropologia, Saúde e Envelhecimento*. MINAYO, M. C. de S. & Coimbra Jr., C. E. A. (Orgs.), p. 51-72, Editora Fiocruz. RJ. 2002, p. 70

pelas expressões, pelo gesto e pelo choro que muitas vezes ocorreram fez com que tudo ficasse tão claro e estava tão presente, que podíamos compreender seu significado e importância, além da materialidade do cuidado.

Certamente, foram longas horas onde muitos foram os sentimentos que se misturaram alguns, com certeza dificilmente serão esquecidos. Daí recorreremos a Venancio (2008) quando a autora chama a atenção para o fato de que “registrando um saber sobre o passado, a memória luta contra o muro do esquecimento. Porque esquecer é correr o risco de interrupção. É a terrível sensação da ausência da lembrança”⁵⁴⁹. Neste sentido, as narrativas foram longas, ficava parecendo que um fio era puxado pelo investigador, e a partir dele, nada mais era preciso para que a memória fosse se dando ao trabalho de se revelar. Notamos também que o presente desses cuidadores está muito presente.

Os fragmentos citados são pequenos, a importância que é dada por cada um também nos parece a pequena, diante do universo de necessidades e respostas, contudo, só eles são capazes de compreender do que falavam naquele momento. No fim, são vidas que se interdependem, são pessoas que se completam e se aperfeiçoam. A falta de importância pode ser evidenciada ainda, pela ausência de políticas públicas dirigidas ao cuidado e aos cuidadores, que pressupomos evitaria o desgaste, a sobrecarga, e, em consequência a violência.

Daí já se pode ver a primeira relação existente entre cuidador e cuidado, daí também podemos compreender do que se trata, mesmo que não consigamos ser absolutos em definir tais fenômenos assim como acontece com o amor e o ódio, por exemplo. O que há de se ressaltar é: que pergunta se faria melhor para que se pudesse compreender a verdadeira materialização do cuidado sem que fosse necessário esmiuçá-lo em alimento, água, banho, medicamento e vestimenta, posto que cuidar vai muito além, e aí talvez se compreenda o que eles expressavam.

Pensamos que, talvez aconteça com eles, os cuidadores, o mesmo que a mulher da história de Venancio⁵⁵⁰(2008) que “contou sobre sua infância” (...), sobre “as muitas doenças da mãe, a vida em casas alheias, o desejo de conhecer o

⁵⁴⁹Venancio, B. P. Pequenos espetáculos da memória: registro cênico-dramatúrgico de uma trupe de mulheres idosas. Editora Aderaldo & Rothschild. SP. 2008, p. 63.

⁵⁵⁰ Idem.

pai. Contou uma única vez e depois se calou”. Nas reflexões de Venancio, “era preciso esquecer para voltar à vida “normal””.

As mulheres mostraram que levam para os seus cuidados sua experiência de cuidadora durante toda sua vida, talvez por isso, nas suas narrativas elas considerem seus cuidados importantes, porém não avançam no significado mesmo desse cuidado, assim, eles são definidos pela experiência que carregam, durante a vida, sendo mais um dos seus cuidados. E, sem saber, algumas externaram que sem suas ofertas de cuidados, seus familiares talvez não estivessem mais aqui, ou tivessem uma qualidade de vida diferente, para pior.

Tomemos pois, o fundamento da necessidade de cuidado, assim sendo, aceitando a compreensão de que o cuidado se configura como, reconhecidamente uma resposta a necessidade em função da perda da capacidade de cuidar de si, em função de uma dada limitação, é no contexto do alargamento do tempo de vida dos homens e das mulheres que surge a probabilidade da manifestação de padrões diferenciados de saúde e de doenças.

E, por falar em doença apontamos que os transtornos cognitivos são significativos visto que, conform Gerreiro (2001):

Suas importantes repercussões na vida do indivíduo, da família e da sociedade, e por se apresentarem num amplo raio de manifestações, compreendendo desde situações em que se processam leves déficits atencionais ou de memória até os quadros complexos de extenso comprometimento cognitivo, nos quais se configura uma síndrome demencial.⁵⁵¹

É neste contexto que surgem as narrativas cujo mundo da vida foi se revelando no transcorrer das entrevistas, estas, também os revelou como pessoas imprescindíveis para a vida do outro, assim, pode-se apreender que cuidar é muito mais que um ato, é uma atitude diante da necessidade do outro, daí sua importância no contexto da vida. Fala-se em atitude visto que compreende ocupação, preocupação, responsabilidade e envolvimento afetivo.

Evoluindo na nossa reflexão e ratificando nosso entendimento sobre o tema, se revestido de contornos existenciais, o cuidado não só se comporta como se terapêutico fosse, mas institui-se na própria ação terapêutica, não no sentido de curar, mas de ofertar bem-estar.

⁵⁵¹Guerreiro, T. e Caldas, C. P. Memória e demência: (re) conhecimento e cuidado. In: Oficina da Memória uma proposta de otimização cognitiva para idosos. UERJ/UnATI. RJ. 2001, p. 15.

O estudo revelou presença de violência contra os idosos, e que a violência revelada pelos cuidadores tem relação com a perda de controle diante de uma dada situação no processo de cuidar. E, embora o cuidador reconheça que a atitude não tem significado punitivo ou educativo para aquele que está sendo cuidado, visto a sua incapacidade de compreensão, para ele, cuidador só restou o arrependimento diante da atitude tomada. Quem sabe, aí esteja a dificuldade na compreensão de atitudes que se assemelham, tendo em vista que, as revelações com busca de estratégias diante de dificuldades parecidas também foram mostradas nesta pesquisa.

A violência dita nestes termos não é dessemelhante daquela que fundamentou o item sobre a construção da violência durante o desenvolvimento do estudo. Sobre a questão da violência cometida pelos cuidadores de idosos dependentes, Minayo⁵⁵² lembra que Kleinschmidt (1997) e Reay & Browne (2001) constataram que “essa relação, sem dúvida estressante, só se transforma em violenta quando o cuidador se isola socialmente, (...) quando são frouxos os laços afetivos entre o idoso e ele (...)”.

No caso dos cuidadores participantes deste estudo, o que os leva a uma atitude violenta é a própria condição de cuidador que não conta com a solidariedade dos familiares e nem com o apoio do poder público, no sentido de que não recebem qualquer tipo de proteção e não têm com quem contar nestas situações, além das dificuldades financeiras e da complexidade natural da vida dessas pessoas. O que significa dizer que, mesmo não concordando com a ocorrência de qualquer tipo de ato violento, compreende-se as condições em que estes cuidadores se encontram. Olhar para as questões postas remete a observar que é urgente a implantação de políticas públicas relacionadas ao cuidado, visto que, com o seu cumprimento tanto os cuidadores teriam garantidos seus direitos de ter vida saudável e livre de sobrecarga, quanto os idosos seriam mais bem cuidados por eles.

Ficou claro também o reconhecimento dos cuidadores da falha cometida, e este se dá em função de que são conhecedores dos limites impostos pela doença,

⁵⁵² Minayo, M. C. de S. Violência contra idosos: relevância para um velho problema. *In: Cadernos de Saúde Pública*. 19(3): 783-791, maio-junho. RJ. 2003, p. 789.

além do mais, sempre reconheceram que essas são pessoas merecedoras dos seus cuidados e não de violência.

A legitimidade das falas fica evidente na medida em que os cuidadores de modo natural se posicionaram tanto diante da atitude violenta quanto do arrependimento da falha cometida, mas, o que merece ser destacado é que apenas uma cuidadora entre todos que participaram dos dois momentos do estudo, revelou alguns episódios de atos violentos, embora não os reconheça como tal, e tem o entendimento de que este é o único modo de conseguir levar a termo a tarefa de cuidar. Essa questão, é claro, constitui-se de questionamentos com os quais nós profissionais nos deparamos e, que leva a uma intervenção, visto que não se subestima situações com tal gravidade.

Ficou evidenciado ainda que compreender os depoimentos produzidos nas narrativas exige certa reflexão sobre a questão da experiência do cuidado de um familiar com o qual vivemos uma vida inteira, de regra todos os cuidadores disseram que cuidar é muito difícil, e, cada um, a seu modo, conduziu o que os motivava a fazer tal revelação.

A pesquisa enfatizou a falta de importância que é dada ao cuidador no seu papel de provedor de bem estar e manutenção da vida, os relatos tanto em grupo quanto no processo de entrevista mostraram que, a própria família não mostra esse reconhecimento e a equipe de saúde também não. Raras foram as narrativas que mostraram uma consideração positiva ao empenho dos cuidadores em fazer a sustentação dos seus familiares.

Ao considerarmos os procedimentos adotados na pesquisa, ou seja, nas entrevistas e nas sessões de grupo, vale dizer que a expectativa se dirigia para a esperança de que na interação entre os membros do grupo houvesse uma motivação para o desenvolvimento de narrativas mais similares, contudo, foi no processo de entrevista que os cuidadores, embora separados se assemelhassem, e, ao olhar seus dizeres é que percebemos esta ocorrência. Há sem dúvida, o que os tornam pactuados diante das experiências, contudo, foram tão verdadeiros nas suas dificuldades que se afastaram daquilo que ao mesmo tempo os assemelhavam, nas sessões de grupo.

A pesquisa revelou também que ao terem se casado, as esposas e os maridos assumem o compromisso de cuidar um do outro em qualquer situação, inclusive na doença, mas, como são as mulheres que cuidam, fica parecendo que esta é uma

verdade que convém especialmente a elas levarem adiante, do modo como é preciso e da maneira que pode ser, mas sempre em busca daquilo que é ou pode ser mais bem executado. Nessas condições não existem questionamentos quanto à oferta do cuidado e, as filhas do mesmo modo levam a termo sua tarefa de cuidar, mas com outras motivações, como o dever.

Há algo de muito mais profundo nessas questões que precisa ser compreendido, ou seja, o fato da maioria dos cuidadores pertencerem ao sexo feminino torna o cuidado sem prestígio do ponto de vista do valor deste trabalho, o que é adicionado à questão da sua execução se dar no domicílio, o que o confunde com um trabalho doméstico, sem qualidade e sem necessidade de retorno, seja este último, por meio de gestos, por reconhecimento ou ainda por recompensa, visto que a família, a equipe e o próprio idoso não o reconhecem como um trabalho executado diuturnamente, e o vê, muitas vezes, sem sentido ou sem utilidade.

Fica claro também que a problemática que envolve os cuidadores em suas vidas particulares traz novos elementos para pensar o papel dos mesmos na sociedade. Estes, não obstante as tradicionais e perversas situações de isolamento e indiferença, já tiveram a experiência de relações diferenciadas no cotidiano de suas vidas. E, estas são situações, que se misturam um pouco com aquelas vividas pelos próprios idosos a quem ofertam cuidados, ou seja, em determinadas condições o cuidador, vive situações semelhantes daquelas vividas pelos idosos de quem cuidam. Por exemplo, o abandono ou afastamento dos familiares, a falta de solidariedade da sociedade diante do seu trabalho de cuidador, entre outros.

Ficou evidente também que os cuidadores familiares constantemente se viram diante de múltiplos desafios, muitos relacionados ao entendimento de mudanças no comportamento de seu familiar, à aceitação dos seus próprios limites, dos momentos de irritabilidade, de se perceber várias vezes diante da inversão de papéis, e, como defendido por Imbassahy⁵⁵³ (2000), das sucessivas perdas, inclusive da identidade e do rumo da própria vida, e, em especial, da falta de esperança de mudança no quadro que se apresenta para ele.

A pesquisa mostrou que as mulheres cuidadoras de seus maridos, de suas mães e irmãs e os homens cuidadores de suas mulheres, enfrentaram mudanças

⁵⁵³Imbassahy, M. O cuidado em uma relação muito delicada. *In*: Textos sobre envelhecimento. UERJ/UnATI. Ano 3. n. 4. 2º Semestre, p. 1- 46. RJ. 2000.

em suas vidas consideradas radicais por eles. Nestas mudanças estão incluídos os projetos que foram abortados, os sonhos que não se realizaram, a vida que ficou para trás, a desconstrução de relacionamentos afetivos, o aprendizado que foi necessário visto as inversões de papéis, mulheres acostumadas às coisas da casa, homens habituados ao mundo do trabalho, mundos da vida que se transformaram em função do acontecimento de uma doença. Mas, não fazem destas, a dimensão mais importante de suas vidas, a mais significativa. Embora árdua, ainda é a oferta de cuidado que fazem diariamente a dimensão que consideram mais significativa para as suas vidas.

Ficou evidenciado ainda, por meio das narrativas dos cuidadores o quanto são estressados, visto que, acumulam o trabalho doméstico com o cuidado de seus familiares, nunca descansam, não têm tempo para cuidar de si, estão sempre impossibilitados para um momento de lazer, mas mesmo assim, necessitam paciência para a manutenção do cuidado.

Nas reflexões de Filgueiras e Hippert⁵⁵⁴ (2003), ao considerarmos esse modo de caminhar a vida dos cuidadores, invariavelmente nos encaminhamos para as questões que envolvem o estresse e a sobrecarga, por isso, os autores lembram que a angústia é um dos sintomas do estresse e nem sempre é possível suprimir o causador ou a causa dele. Daí, adoecer ou não dependerá muito das oportunidades que serão oferecidas ou não a esses cuidadores. Nessa formulação está compreendida, a seriedade do papel da família e do Estado no fortalecimento desses sujeitos, particularmente no âmbito do cuidado. Daí a importância de políticas públicas para o cuidado, em especial as relacionadas ao cuidado domiciliar e ao cuidador familiar.

A pesquisa mostra ainda que a ausência das instituições para acolhida às pessoas que demandam por cuidados faz com que a responsabilidade máxima incida sobre a família e, geralmente, sobre um dos seus componentes. Mesmo assim, cuidar apareceu para essas famílias como sendo algo fundamental para seus familiares, de valor insubstituível, mas, ao mesmo tempo uma tarefa árdua, sem horizontes, e que para o seu término o outro também tem que chegar ao fim, o que eles consideram uma possibilidade bastante distante.

⁵⁵⁴Filgueiras, J. C. & Hippert, M. I. Estresse: possibilidades e limites. *In: Saúde mental & trabalho: Leituras*. Jaques, M. da G & Codo, W. (Orgs.). 2ª edição. Vozes Editora. Petropolis/RJ. 2003.

Como se pode notar, o pressuposto inicial de que os cuidadores perdem so controle no processo de cuidar, e têm condutas consideradas violentas, foi mostrado em parte, visto que outros cuidadores encontraram modos diferentes para lidar com situações consideradas insuportáveis na vivência do cuidado, mesmo em condições semelhantes.

Do que já foi proporcionado neste trabalho acreditamos ser pertinente qualificar o significado de proteção a que se tem referido durante todo o processo de elaboração desta tese, ela é entendida como medidas que dêem aos cuidadores a possibilidade de planejar e de realizar outros interesses, como modo de evitar um colapso em sua vida. Do mesmo modo como é defendida pelos bioeticistas Schramm e Kottow⁵⁵⁵ (2001).

Em vista dos achados relacionados ao significado de cuidar durante a pesquisa, qualificar o cuidador nos parece também pertinente, visto que significa invariavelmente cuidar de algo ou de alguém, entre esses existe o cuidar do outro que nos exige inventar relações que propiciem a manifestação das diferenças não mais entendida como desigualdades, mas como riqueza da única e complexa substância humana, como adverte Boff⁵⁵⁶ (2010).

A pesquisa confirmou a existência de convivência de várias gerações no mesmo domicílio que a pessoa idosa. Os cuidadores participantes do estudo revelaram duas situações paradoxais, visto que o idoso ou reside apenas com outra pessoa também idosa, seja a esposa, o marido, ou ainda a filha, ou residem com filhos, netos e bisnetos. A respeito dessa exterioridade e, no predomínio de convivência entre gerações, quando se trata de pessoa idosa saudável essa convivência tem representação de caráter prático na vida desses idosos, no entanto, quando se trata de idosos dependentes com variados comprometimentos da saúde esta convivência pode desencadear conflitos, mas ao mesmo tempo este é um elemento de colaboração para o cuidador, que invariavelmente termina por contar com ajuda para pequenas ofertas.

Em um aspecto parece haver concordância entre os cuidadores, a de que seus familiares, embora lhes sobrecarreguem diuturnamente, são merecedores de

⁵⁵⁵Schramm, F.R.; Kottow, M. Princípios bioéticos em salud pública: limitaciones y propuestas. *In: Cadernos de Saúde Pública*. n. 17 (4): 949-56. 2001.

⁵⁵⁶Boff, L. A arte de cuidar. Fonte: <http://pt.shvoong.com/books/1629628-arte-cuidar/>. Capturado em:23.02.211.

seus cuidados, especialmente por apresentarem doenças de tão difícil compreensão e manejo. Lembramos que entre as doenças, prevalece a Doença de Alzheimer e outras configurações de *déficit* cognitivo.

Percebe-se que a relevância central deste estudo se concentra na perspectiva de conduzir-se a discussão sobre a questão do envelhecimento com necessidade de cuidado como um tema que ultrapassa os muros familiares, ou seja, parece não haver dúvidas de que esta é uma matéria de domínio público visto sua seriedade e a realidade vivida pelos cuidadores. Este estudo possibilita também um foco distinto daqueles até então empregados quando a referência é o cuidador e as conseqüências da sobrecarga. São importantes, do mesmo modo, os caminhos do dissenso trilhado neste trabalho quando referimos a questão da violência, na medida em que compreender as condições vividas pelos cuidadores nos remete a olhá-los nos modos colocados anteriormente, ou seja, como pessoas sem possibilidade de planejar e de realizar outros interesses que não seja ofertar cuidados, ou seja, nos moldes apontados por Schramm e Kottow (2001)⁵⁵⁷.

Entendemos que este estudo pode cooperar ainda para que transformemos nossa postura diante do envelhecimento e com isso passemos a ter um olhar diferenciado quanto ao próprio entendimento a respeito desta fase da vida, lembrando que, o conhecimento do mundo da vida das pessoas idosas prepara, no sentido de qualificar, para uma convivência mais digna e mais respeitosa com elas. Não se trata aqui de um mero treinamento, mas de uma educação, o que temos é uma proposta de contribuição para que transformações se dêem ante esse segmento populacional que não cessa de crescer, e mais, que junto com essas transformações ocorram do mesmo modo, um jeito diferenciado de se apropriar do cuidador no seu papel fundamental de manutenção de vidas.

Entendemos ainda, que este estudo pode colaborar para que estudiosos sobre a violência contra as pessoas idosas encontrem outros caminhos que apontem a existência de uma violência diferenciada que está no modo como se oferta um alimento inadequado segundo as necessidades, como deixar de dar um banho em função da falta do entendimento do seu significado, como se permitir não ofertar uma medicação importante para uma doença, em função da perda da capacidade

⁵⁵⁷ Os bioeticistas Chermamm e Kottow defendem a necessidade dos cuidadores serem protegidos segundo a recém descrita bioética da proteção, ou seja, com medidas que dêem ao cuidador a possibilidade de planejar e de realizar outros interesses, com evitamento de um colapso em sua vida, visto já estar estabelecido que a atividade de cuidar tende a erodir a vida do cuidador.

de cuidar, pelo acúmulo de oferta de cuidados com as atribuições com as coisas da casa.

Para os cuidadores, este estudo pode ter relevância na medida em que contribui para o seu nascimento como aquele que oferta cuidados, que do mesmo modo necessita de cuidados e também por revelar que o Brasil se encontra atrasado em relação à legislação referente à proteção das famílias com essas características.

Entre os apoios teóricos utilizados para dar conta do conjunto de temas estudados neste trabalho e entre estes, aqueles referentes às ações dos homens e das mulheres estão, entre outras, as obras de Hannah Arendt que tem sido adotadas como um campo teórico-reflexivo cada dia mais ascendente, no que se refere à filosofia da ação e ao pensamento político moderno, permitindo ponderá-lo sob outras exterioridades, existe, na verdade, grande empenho da autora para desvendar a abundância e o enredamento como bases distintivas da ação humana, daí sua apropriação em nosso estudo. Chamamos atenção para um fato importante do pensamento de Arendt (1983), para a autora os homens não poderão ser soberanos frente aos demais, visto “a impossibilidade de permanecerem como senhores únicos do que fazem, de conhecerem as consequências de seus atos e de confiarem no futuro é o preço que pagam pela pluralidade e realidade”⁵⁵⁸.

Entendemos ainda, ser pertinente que os achados deste estudo sirvam de motivo para a reflexão sobre os temas relacionados ao envelhecimento, de maneira especial, aquele com implicação de dependência e que sejam discutidos nos mais variados fóruns da sociedade civil e das organizações e instituições voltadas para as questões dos idosos e conseqüentemente para os cuidadores, com vistas a uma transformação, quem sabe dos seus modos de caminhar a vida e, portanto novos modos de caminhar da própria sociedade com a exigência de políticas públicas que protejam o cuidador no seu processo de cuidar.

⁵⁵⁸Arendt, H. A condição humana. Editora Forense Universitária. RJ. 1983, p. 256.